

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

sem sofrer a menor correcção.» Tão-pouco o seu conteúdo se pode considerar demasiado «helenístico» para ser platónico (Theiler): mais correctamente se dirá que é demasiado platónico para não ser «helenístico»: «no sentido de que Platão se apresenta em toda a sua obra, sem exclusão da *Epinomis*, como porta-bandeira de todos os movimentos espirituais ulteriores» (ibid).

Segue-se uma breve notícia dos manuscritos principais (pp. 29-31) e uma extensa bibliografia (pp. 33-39) de artigos, edições, traduções e comentários.

O texto baseia-se nas edições de Burnet (Oxford, 1907) e Des Places (Paris, 1956). O aparato, muito conciso, regista as diferenças entre os dois editores, e as variantes e conjecturas que parecem dignas de aceitação ou discussão. Entre o texto e o aparato figuram citações da *Epinomis* nos tratadistas antigos: muito menos numerosas, como é óbvio, que as do *Fédon*, do *Fedro*, das *Leis* ou de outro diálogo famoso de Platão, mas ainda assim consideráveis.

O comentário (pp. 69-132), de nível universitário, insiste sobretudo na explicação das ideias: sem negligenciar, no entanto, as discussões textuais e os esclarecimentos de carácter gramatical e estilístico.

W. S. M.

VINCENZO LONGO, *L'epigramma scoptico greco*. Genova, Istituto di Filologia Classica e Medioevale dell'Università, 1967. 136 pp.

Na floração, improvisa e efémera, do epigrama escomático grego, que se observa no século I da era cristã, e se documenta principalmente no livro XI da *Anthologia Palatina*, Lucílio é o versejador mais copioso e mais imitado, com influência não despreciable em Marcial e, mais tarde, em Páladas. Costumam, apesar disso, liquidá-lo as histórias da literatura em três ou quatro linhas (quando se não contentam com a menção do nome apenas)¹; e muitos críticos o consideram simplesmente um «poetastro», característico embora — como diz Geffcken (s. u. *Loukillios*, *RE*, 12.2 [1927], col. 1780) — de uma época de grave declínio espiritual dos Gregos. Mas uma obra, que não é documento poético, pode ser documento literário e humano. A de Lucílio está neste caso: e Longo consegue apresentar observações interessantes sobre a personalidade do epigramatista e sobre a influência que exerceu em Nicarco e noutros epígonos, mais ou menos obscuros, da *Anthologia*.

Quais as razões profundas da «plúmbea dureza» de Lucílio, inacessível à finura de um sorriso ou de uma ironia delicada? «Fome, hostilidade, incompreensão, desprezo», «o ódio inextinguível» acumulado nos anos juvenis — presume o A. (p. 49).

¹ Cantarella, que na sua *Storia della letteratura greca* (Milano, 1962) lhe dedica uma página e meia (793-794), constitui uma excepção notável entre os manuais de menor vulto.

«Toda a violência de que foi espectador, ou acaso vítima, regurgita nos seus epigramas com um ritmo quase obsessivo: 'enforçar' ou 'esganar' são palavras que parecem exercer sobre ele uma sinistra fascinação» (p. 51). Talvez que Lucílio não tenha sido «um masoquista» (p. 61), só porque sarcásticamente incita um barbeiro sanguí-nário a prosseguir no corpo do poeta-vítima a obra que na face iniciou: mas revela, de facto, uma tendência abnorme (antes «sádica», afinal, que masoquista!) para os temas de horror: «são imagens apenas tracejadas, cenas em esboço, mas, se alinhássemos umas ao lado das outras, constituiríamos uma galeria macabra de esqueletos volantes, de enforcados, de torturados, de queimados vivos, de esborrachados, de crianças atiradas ao mar ou enfiadas num sepulcro» (p. 61). Alguns epigramas, de péssimo gosto (por ex. 11. 92, 135, 159, 274), parecem-nos mesmo denunciar um vezo necrofilista.

Convém observar, no entanto, que a investigação de Longo se ressent de um defeito de método: o A. analisa, neste livro, «a quarta parte apenas» da produção luciliana — limitando-se «às composições que por um lado apresentassem os mais graves problemas de interpretação, por outro contribuísem para iluminar as características mais salientes da personalidade do autor» (p. 77). Ora certas exclusões, necessariamente muito subjectivas, podem comprometer a integridade da visão. Assim se explica que quem percorrer a exemplificação de temas de epigramas lucilianos que faz Cantarella (*Storia della letteratura greca*, pp. 793-794), se julgue habilitado a formar do poeta uma opinião menos sombria. Como tantas vezes sucede, a realidade do homem Lucílio será provavelmente mais complexa e mais «matizada».

Geffcken definiu a epigramática de Nicarco como uma *Verschlimmbesserung* da obra luciliana: Longo discorda da afirmação, mas não chega a persuadir-nos do contrário — antes reconhece que Nicarco, «embora imitando Lucílio na maior parte das composições que chegaram até nós, dá mais passadas ao longo de uma estrada que, já trilhada pelo seu predecessor, assinalará o fim do epigrama escóptico, despojando-o de toda a agressividade e alor resíduos [...]» (p. 85). Característica peculiar, e não egrégia, de Nicarco é a tendência para substituir ao torcionarismo luciliano uma pornofilia excepcional no epigramatista anterior.

O último capítulo estuda os versejadores que antes de Lucílio fizeram tentativas no âmbito da poesia escóptica; e depois aqueles que de Lucílio e Nicarco receberam inegável influência. Mas, entre os primeiros, a messe é escassa, e nem sempre característica; e, quanto aos epígonos, vates desinspirados, como Amiano e Poliano, documentam «uma involução definitiva do *κῶμμα* epigramático», que, longe de se renovar, repisa «velhos motivos já explorados com maior êxito» (p. 131).

O trabalho de Longo tem merecimento e interesse — mas está, a nosso ver, prejudicado por uma deplorável «economia»: o seu autor cita quase sempre em simples tradução os textos que depois vai comentar, por vezes com demora, do ponto de vista estilístico e literário. Os inconvenientes do processo são tão óbvios que parece desnecessário enunciá-los: nem é de crer que o Istituto di Filologia Classica e Medioevale da Universidade de Génova pusesse objecções ao encorpamento do livro com mais quinze ou vinte páginas de transcrições do original. Também se estranha a ausência de uma bibliografia de conjunto, onde aparecessem reunidas e sistematizadas as indicações dispersas pelas notas.

W. S. M.